

ALIMENTAÇÃO NA REVISTA DO GLOBO (RIO GRANDE DO SUL, 1929-1967): O CASO DO CHURRASCO E DO CHIMARRÃO

FOOD IN REVISTA DO GLOBO (RIO GRANDE DO SUL, 1929-1967): THE CASE OF BARBECUE AND CHIMARRÃO

Adriana Sassi de Oliveira - sassi.adri@gmail.com

RESUMO

O presente estudo propõe analisar o papel da alimentação na *Revista do Globo* (1929-1967), as relações de comensalidade, convivialidade e sociabilidade alimentar; as permanências, rupturas e reconfigurações promovidas pelos alimentos, para compreender as relações sociais e culturais provocadas pela comida e pela bebida, sobretudo os casos do churrasco e do chimarrão. O contexto temporal deste estudo compreende os anos de 1929 a 1967, período de circulação da *Revista do Globo*, pontuados por transformações provenientes da modernização urbana e das inovações tecnológicas, científicas e conceituais que se mostraram refletidas nos alimentos e nos dispositivos alimentares. As leituras promovidas pela alimentação são examinadas nos diversos conteúdos informativos, nas imagens e nos anúncios publicitários presentes no periódico, refletindo códigos sociais e marcadores identitários, servindo de referências a grupos e indivíduos, bem como perfis de condutas e comportamento frente aos alimentos. Os resultados da pesquisa têm indicado diversas narrativas espelhadas nos alimentos, possibilitando através das leituras e das interpretações o reavivamento da memória e a reativação do passado, ambos favorecendo as relações de comparações e análises entre o contexto investigado, entre o presente e o pretérito, e entre comida e vida social, contribuindo para a valorização do patrimônio por meio desta construção, sobretudo da *Revista do Globo*.

Palavras-chave: Alimentação; Revista do Globo; Churrasco, Chimarrão; Memória e Patrimônio

ABSTRACT

The present study proposes to analyze the role of food in *Revista do Globo* (1929-1967), the relationships of commensality, conviviality and food sociability; the permanences, ruptures and reconfigurations promoted by food, to understand the social and cultural relationships provoked by food and drink, especially barbecue and chimarrão. The temporal context demarcated in this study encompasses the years from 1929 to 1967, the period in which *Revista do Globo* was circulated, punctuated by transformations arising from urban modernization and technological, scientific and conceptual innovations that were reflected in food and eating devices. The readings promoted by food are examined in the various informative content, images and advertisements present in the periodical, reflecting social codes and identity markers, serving as references to groups and individuals, as well as profiles of conduct and behavior towards food. The research results have indicated several narratives mirrored in food, enabling through readings and interpretations the revival of memory and the reactivation of the past, both favoring relationships of comparisons and analyzes between the

<https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/index>

investigated context, between the present and the past, and between food and social life, contributing to the appreciation of heritage through this construction, especially *Revista do Globo*.
Keywords: Food; Revista do Globo; Barbecue; Chimarrão; Memory and heritage

<https://periodicos.ufac.br/index.php/jamaxi/index>

JAMAXI

Jul-Dez | v.7, n.2 | ISSN: 2594-5173

INTRODUÇÃO

O presente estudo corresponde a um recorte da pesquisa de tese de doutorado que analisa os múltiplos papéis assumidos pela alimentação, apresentados na *Revista do Globo* (1929-1967), e objetiva promover a percepção das transformações, permanências e rupturas promovidas por ela e espelhadas na sociedade sul-rio-grandense, consumidora de suas informações.

Investiga a partir dos conteúdos informativos, das imagens e dos anúncios publicitários exibidos no periódico as diversas abordagens relativas aos alimentos e à comensalidade, a fim de perceber como e de que forma a alimentação e todos os dispositivos a ela vinculados foram apresentados no espaço editorial da *Revista do Globo*, objetivando examinar os parâmetros de comensalidade, consumo e sociabilidade alimentar, bem como o seu espelhamento, sobretudo na sociedade sul-rio-grandense, consumidora de suas informações, a fim de interpretar e analisar as relações sociais e culturais promovidas pelos alimentos no contexto investigado.

Observa-se no alimento um importante vetor para o entendimento e a valorização da própria história, percebido enquanto patrimônio cultural, referência de identidade de grupos e etnias, de pertencimento e reavivamento da memória. Da mesma forma, ressaltamos a importância da *Revista do Globo*¹ como fonte e ferramenta de pesquisa, pois trata-se de um veículo informativo de referência no Rio Grande do Sul que, por quase quatro décadas de circulação, conseguiu reunir em seu acervo uma variedade de temas como política, literatura, culinária, moda, beleza, artes, cinema, informes e anúncios variados que se identificavam com o leitor, ocupando um significativo espaço na vida social do povo gaúcho.

Sua relevância foi também observada na leitura da página eletrônica do Delfos: Espaço de Documentação e Memória Cultural (PUCRS), a qual relaciona a importância da história da *Revista do Globo* com a própria história do Rio Grande do Sul, indicando que ela consiste em “uma das fontes mais ricas para reconhecimento e estudo dos traços característicos do Rio Grande do Sul, em meados do século XX”².

Na tentativa de analisar as relações estabelecidas entre memória e identidade, assim como lembranças e esquecimentos, Joël Candau (2019) nos leva a refletir a respeito da importância de estimular e resgatar a memória da sociedade historicamente, como construção social de lembranças. Tais considerações tornam-se peças essenciais no processo de compreensão e construção do conhecimento histórico, cujo objetivo é revelar, a partir do levantamento de dados na *Revista do Globo*, informações que ainda não foram extraídas, a fim de contribuir com a sociedade e com a comunidade científica.

As abordagens relativas à alimentação estão presentes nos conteúdos textuais, reveladas nas reportagens, em notas e manchetes, exibindo distintas informações, entre elas os valores nutricionais dos alimentos; a importância de uma dieta saudável e equilibrada;

1 A *Revista do Globo* foi criada em 1929 e circulou até 1967. Seu acervo é composto por 943 edições.

2 Fonte disponível: <https://bit.ly/3xXOjn3>. Acesso em: 25 jul. 2020.

informes sobre escolas de economia doméstica e arte culinária; cerimônias e banquetes festivos; seções culinárias; preocupações acerca do encarecimento dos alimentos e problemas relacionados a desabastecimentos. Entre os conteúdos imagéticos presentes no periódico destacam-se as fotografias, as caricaturas, as charges, as tirinhas de humor e os anúncios publicitários. Da mesma forma que os conteúdos textuais, os recursos visuais também foram utilizados como ferramentas de aportes para alcançar seus verdadeiros propósitos junto ao público leitor.

Nesta perspectiva, este ensaio convida para refletirmos a respeito da representação da alimentação, figurada em exemplos de espelhamentos apresentados na *Revista do Globo* (1929-1967), sublinhando a identificação do alimento enquanto marcador identitário e assumindo o propósito de atender os objetivos elencados.

A COMIDA E A BEBIDA COMO MARCADORES IDENTITÁRIOS

As manchetes relacionadas aos alimentos e aos gêneros alimentícios sempre estiveram presentes na *Revista do Globo* (1929-1967), muitas delas vinculadas a pontuais reportagens, enquanto outras encontravam-se associadas aos anúncios publicitários ou aos diferentes conteúdos informativos. Estes recursos informativos foram utilizados como meio de exibir ao público leitor as mais distintas notícias, sejam elas anunciando as novidades, advindas do processo de modernização e de urbanização das cidades, mas também revelando preocupações, contextualizando as reconfigurações alimentares, divulgando e/ou enaltecendo os alimentos enquanto símbolos de identidade e afirmação social.

Vale considerar que o contexto investigado compreende um período de avanços tecnológicos, validado pela introdução dos eletrodomésticos, pela propagação dos produtos enlatados e pelas novas formas de produzir e confeccionar os alimentos, refletidas nos diferentes informes presentes nessa revista e consumidas pelo público leitor.

Busca-se analisar as funções desempenhadas pelos alimentos enquanto marcadores identitários, dando destaque para a carne, em especial a bovina, e para a erva-mate; refletidas respectivamente no churrasco e no chimarrão. A razão pela escolha destes dois alimentos se deu pelo fato de ambas estarem presentes em todos os decênios analisados, refletindo elos identitários e configurações simbólicas, auxiliando no processo de compreensão da dinâmica social do contexto investigado.

O CHURRASCO

A carne, sobretudo a bovina, foi intensamente referenciada na *Revista do Globo*, ganhando o status de alimento básico e fundamental do povo sul-rio-grandense. Sua apreciação e consagração foi manifestada através do churrasco (assado), identificado como prato culinário típico do povo gaúcho, expressando identidade, pertencimento e afirmação social, símbolo alimentar da região sul do Brasil, sobretudo do Rio Grande do Sul, atuando como um importante marcador identitário.

As preocupações relacionadas ao consumo da carne e do churrasco estiveram presentes em todos os decênios analisados, refletidas nos informes que noticiavam o crescente aumento deste alimento ou nos momentos de carestia, sobretudo durante o contexto da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), revelando preocupações relativas a escassez deste comestível e a possibilidade de afetar os hábitos alimentares da população gaúcha.

No final da década de 1920, esta observação foi verificada em um pequeno informe, divulgando a preocupação em mantê-la no cardápio alimentar do povo gaúcho, diante do seu elevado custo, manifestada no excerto: “Que não lhe tirem o direito ao churrasco se quiserem preservar a varonilidade da estirpe”.³ Observamos que além do valor simbólico, o churrasco também se destacava como comida de festa, servindo de elo para agregar, fortalecer e reafirmar a identidade sul-rio-grandense, representado como prato característico da culinária local.

Neste sentido, Maria Eunice Maciel (1996), ao analisar o churrasco enquanto prato típico do Rio Grande do Sul e vinculado ao povo gaúcho, estabelece e define uma relação de identidade entre o alimento e o grupo a ele inserido, refletindo elementos culturais que são utilizados como marcadores identitários, entre eles estão as formas de organização grupal e a sociabilidade, o ritual de comensalidade, os modos e aspectos de demarcar pertencimento, “servindo como ‘cartão de visitas culinário’, associado à figura do gaúcho e regionalmente, o prato preferencial para ocasiões especiais” (Maciel, 1996, p. 38).

Com o propósito de aclarar esta referência, selecionamos dois exemplos espelhados no churrasco e divulgados na *Revista do Globo*, considerando que ambos contribuíram para fortalecer a identidade culinária ligada ao gaúcho, servindo como forma de afirmação e diferenciação social.

O primeiro deles, trata de uma reportagem intitulada “O Churrasco ao Botafogo”,⁴ divulgando a primeira exibição do Botafogo Futebol Clube, clube de futebol do Rio de Janeiro, a se apresentar no Rio Grande do Sul. O conteúdo exibiu informes e imagens relativas às partidas e os resultados deste clube, que durante sua incursão no estado gaúcho, realizou três partidas. A primeira contra o Sport Club Internacional, a segunda contra o Grêmio Futebol Porto Alegrense e a terceira partida contra um time formado por jogadores da dupla Gre-Nal. O encerramento do evento contou com um churrasco promovido pelos anfitriões a seus convivas, demonstrando hospitalidade através da culinária sul-rio-grandense e a figuração do alimento – o churrasco, identificado como comida de gaúcho, servindo de código social, identificando indivíduos a grupos e reafirmando a identidade e o pertencimento dos anfitriões. Neste caso, vale considerar, em conformidade com Maciel (1996, p. 38) que “oferecer um churrasco em alguma ocasião especial implica em mostrar prosperidade servindo assim como um marcador social”.

O outro exemplo, observado na *Revista do Globo* e espelhado no churrasco, exibiu uma reportagem noticiando um evento realizado no Centro Gaúcho de São Paulo, no

3 *Revista do Globo*, n. 13, p. 4, 13/07/1929.

4 *Revista do Globo*, n. 65, p. 22-26, 04/07/1931.

hipódromo da Mooca, intitulada “Uma churrascada em São Paulo”.⁵ A churrascada foi oferecida a seus sócios, no dia 14 de julho de 1930, com a participação de um público superior a 700 pessoas, que reunidas demonstraram comungar de semelhantes sentimentos proporcionados tanto pela culinária (churrasco e chimarrão), quanto pelas canções entoadas em melodias típicas do Rio Grande do Sul. Ambos dispositivos desempenharam funções aproximativas, despertando o saudosismo, pertencimento, fortalecimento da identidade, bem como a valorização dos costumes e das tradições, promovendo o elo do povo gaúcho – que se encontrava fora do Rio Grande do Sul – com a cultura sul-rio-grandense, favorecendo a recriação de lugares de memória, valorizando e fortalecendo a memória social. Neste sentido, é válido considerar que, “o ato de memória que se manifesta no apelo à tradição consiste em expor, inventando se necessário, ‘um pedaço de passado moldado às medidas do presente’ de tal maneira que possa se tornar uma peça do jogo identitário” (CANDAU, 2019, p. 122).

Convém sublinhar que o alimento, enquanto patrimônio cultural, expressa a identidade de uma sociedade ou de grupos humanos e assume um caráter simbólico quando cumpre uma função identificadora. Deste modo, observa-se que,

El patrimonio, entonces, remite a símbolos y representaciones, a los *‘lugares de la memoria’*, es decir, a la identidad. Desde este punto de vista el patrimonio posee un valor étnico y simbólico, pues constituye la expresión de la identidad de un Pueblo, sus formas de vida. (ARÉVOLO, 2004, p. 929).

Nota-se que estes elos aproximativos configuram uma herança coletiva que representa a continuidade cultural, fornecendo informações da sociedade e do seu passado, colaborando no reavivamento da memória, na formação e valorização da identidade, revelando a ligação dos indivíduos com suas raízes. Este autor, além de considerar que os agrupamentos humanos têm nas tradições um caráter de completude, acrescenta que estas estão no presente por absorverem heranças do passado, sendo este configurado e atualizado por aquele.

Neste panorama, Maciel (2005) indica que as cozinhas (pratos) regionais servem como marcadores de identidade, assim como o gosto e o paladar, por apresentarem diferenças locais e regionais, servindo também para sinalizar e afirmar a identidade dos sujeitos e/ou grupos, porque “o que é colocado no prato serve para nutrir o corpo, mas também sinaliza um pertencimento, servindo como um código de reconhecimento social” (MACIEL, 2005, p. 54).

Observamos nesta consideração a relação do simbólico com o identitário, enquanto parâmetro de referência, fortalecimento e pertencimento social. Os exemplos pontuados fortalecessem a concepção de que a culinária, enquanto patrimônio cultural, é capaz de estimular e reavivar a memória da sociedade historicamente, sendo uma referência de identidade, transmissão e valorização das tradições. Em ambos os exemplos, o churras-

⁵ Revista do Globo, n. 38, p. 20-21, 24/07/1930.

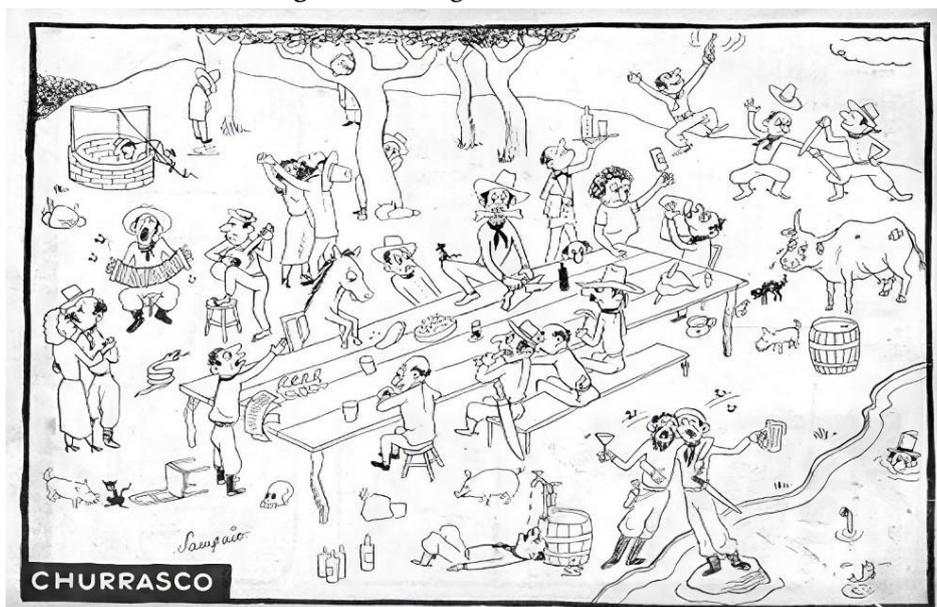
co, enquanto signo identitário, refletiu a valorização da cultura e da tradição sul-rio-grandense.

Em conjuntura diferente, a inquietação publicada no final da década de 1920, relativa à manutenção da carne bovina na dieta alimentar do povo gaúcho, retornou às manchetes da *Revista do Globo*, sendo novamente revelada durante o contexto da Segunda Guerra. No ano de 1943, o periódico divulgou um cardápio alimentar sugestivo em tempos de guerra, suprimindo o consumo deste alimento. Da mesma forma, naquele mesmo cenário, constatamos frequentes informes divulgando a carestia do produto, fato que resultou, entre outros desajustes, no aumento de preço, racionamento e desabastecimento deste comestível.

Entre os informes e exposições reconfiguradas sugerindo alterações na dieta alimentar, sobretudo minimizando o consumo da carne bovina, destacamos a reportagem de Antônio Carlos Ribeiro, intitulada “A sopa: último alimento da gente pobre”,⁶ publicada em junho de 1944, apontando o contexto da Segunda Guerra como reflexo para a elevação no preço da carne, do pão e de outros produtos indispensáveis. O texto informa que a carne estava desaparecendo dos cardápios, afetando e reduzindo os encontros dominicais envoltos pelo rito do churrasco, cerimônia representativa e simbólica da sociedade sul-rio-grandense, mas que “por sorte” o aperitivo amargo do gaúcho, a saber o chimarrão, ainda estava conseguindo se manter frente à crise inflacionária e recessiva vivenciada naquele cenário. No entanto, a carne suculenta saboreada nos assados, era tida como artigo de luxo e seu gosto ainda poderia ser percebido na sopa, através dos ossos nela adicionados.

É possível interpretar este cenário, que se prolongou ao longo da década de 1940, através da leitura de uma charge publicada naquele contexto, conforme revela a figura 1:

Figura 1 – Charge sobre o Churrasco.



Fonte: *Revista do Globo*, n. 475, p. 7, 22/01/1949.

⁶ *Revista do Globo*, n. 365, p. 42-43 e 66, 24/06/1944.

A leitura imagética permite-nos observar um encontro de pessoas, cuja celebração deveria ser proporcionada pela ritualização, apreciação e o consumo do churrasco. No entanto, o menos evidente na charge é justamente o seu objeto de provocação, refletido na ausência do churrasco – não há carne, nem fogo, nem espetos e muito menos o assado – considerado no título o carro chefe da cerimônia. Entre a sanfona e a viola, gravitavam algumas pessoas que demonstravam sobriedade, aproveitando o evento para dançar, tocar e cantar; enquanto outras bebiam, brigavam e brincavam. Nenhuma das 27 figuras retratadas na imagem, estava preparando ou consumindo o churrasco. Esta provocação refletiu a angústia vivenciada naquele período, marcado pela escassez e pelo encarecimento da carne bovina, revelando preocupações com a limitada ou a ausência no consumo do churrasco pelo povo sul-rio-grandense e a possibilidade de sofrer alterações que pudessem refletir na sociabilidade, comensalidade e, sobretudo na sua própria identidade cultural culinária.

Entre as alternativas divulgadas que propuseram alterações nos cardápios, encontramos sugestões para o consumo de verduras e legumes, com o cultivo da horta da vitória⁷. Já no final da década de 1950, o periódico divulgou receitas fazendo uso de pombos, patos, perdizes e marrecos. E, em meados de 1960, publicou a sugestão de um assado vegetariano.

As receitas de assado vegetariano sugeriam além da utilização de verduras e legumes, também ovos, pão e batatas como ingredientes substitutivos à carne. De acordo com o periódico, tais indicativos não conseguiram entusiasmar o povo gaúcho. Entretanto, outras alternativas foram apresentadas em suas receitas, indicando cardápios com carne ovina, vísceras da carne bovina, risoto de fígado, guisado de rim, entre outras que não ganharam destaque.

Nos primeiros anos da década de 1950, foram intensos os informes problematizando esta temática, em especial os últimos meses do ano de 1952. Em novembro do ano seguinte, a *Revista do Globo* apresentou uma reportagem sobre o consumo da carne equina, intitulada “Vamos comer carne de cavalo?”⁸, de Justino Martins, correspondente do periódico na Europa, trazendo na matéria a apreciação deste consumo pelos franceses. É válido observar que a França sempre foi espelhada na revista como modelo de referência gastronômica. A reportagem revelou imagens de açougues franceses, enaltecendo a exuberância de suas vitrinas, sendo comparadas a dos armazéns parisienses. O conteúdo informativo apontou as múltiplas opções dos franceses por esta preferência, dentre elas o preço e o alto valor nutritivo do alimento.

Observamos no teor da reportagem, uma tentativa de propagandar o consumo da carne equina como alternativa de consumo frente ao período de escassez da carne bovina. Acredita-se que o teor informativo da notícia ganhou repercussão entre o pú-

7 A campanha da “horta da vitória” foi uma iniciativa de cultivo familiar aos próprios vegetais, criada durante o contexto da Segunda Guerra, a fim de evitar a falta de alimentos. *Revista do Globo*, n. 373, p. 40-41, 21/10/1944.

8 *Revista do Globo*, n. 599, p. 58, 59 e 35, 14/11/1953.

blico leitor da *Revista do Globo*, a ponto de três anos após sua exibição⁹, a redação do periódico exibir em sua primeira página, um texto pontuando as razões pelo não aceite da carne equina pela sociedade gaúcha. Dentre elas o fator cultural; isto é, que o paladar do povo gaúcho não estaria habituado a tal consumo. Um outro elemento estaria ligado ao próprio sentimento de pertencimento e apreço ao animal. Estes indicativos eram tão considerados pelo povo sul-rio-grandense, a ponto de o redator do texto sublinhar que o gaúcho não aceitava aquele substituto para o churrasco.

Deste modo, foi possível perceber que nem a diferença de preços entre as carnes, nem o sabor anunciado naquele produto, foram capazes de influenciar a sugestão de alteração do comestível. O autor finalizou observando que, se um dia a carne de cavalo for consumida pela sociedade gaúcha (a não ser em caso extremo), seria como se o povo sul-rio-grandense estivesse consumindo os próprios sentimentos, seus bens de amor e apreço: a mulher, a terra e o cavalo. Estas leituras permitiram-nos perceber uma rejeição à possibilidade de substituição da carne bovina pela equina, estando a repulsa associada principalmente aos valores culturais e identitários.

Verificamos que a retração nos hábitos alimentares atrelados a diminuição ou a ausência no consumo da carne bovina foram mais constantes durante o contexto da Segunda Guerra e se estenderam até a década de 1960. De acordo com o periódico, o consumo de carne bovina era esporádico em razão do seu elevado preço e do aumento no custo de vida da população, motivos que resultaram na diminuição dos churrascos dominicais, alterando o hábito, o consumo e a simbologia alimentar do povo gaúcho.

Acrescenta-se que esta retração também afetou a organização grupal, a ritualização em torno do preparo do churrasco, a sociabilidade e a comensalidade, pois segundo Maciel (1996, p.36) “o ‘fazer um churrasco’ obedece a códigos, normas e comportamentos previstos, aceitos e reconhecidos por todos, [...] implicam em relações sociais e expressam valores e julgamentos, o que leva a pensá-lo como um *ritual de comensalidade e partilha*”.

De acordo com este conjunto de informações, observamos que a carne bovina, protagonizada no churrasco gaúcho, figurou em todos os decênios divulgados no periódico, tanto com teor de preocupações relacionados aos períodos de escassez, quanto como modelo de referência à culinária gaúcha, enquanto símbolo e patrimônio cultural, como expressão de afirmação social, pertencimento e identidade do povo sul-rio-grandense.

O CHIMARRÃO

O chimarrão, proveniente da erva-mate, foi e é identificado como bebida característica do povo sul-rio-grandense. Sua apresentação na *Revista do Globo* se deu através de textos e imagens, algumas delas vinculadas aos anúncios publicitários. Os conteúdos revelaram diferentes sujeitos, dos mais distintos grupos sociais e faixas etárias consumindo a bebida, traduzindo e exaltando elos de identidade através de seu consumo, servindo de

⁹ No fascículo n. 667, p. 1, de 30/06/1956, Limeira Tejo, redator-chefe da *Revista do Globo*, indicou em sua crônica, intitulada: “Carne de Cavalo”, algumas razões para as rejeições ao consumo da carne equina.

código social. As leituras imagéticas permitem-nos perceber o acréscimo de outros elementos vinculados ao chimarrão, contribuindo para somar e fortalecer os valores identitários expressos através da linguagem visual. Além da cuia e da bomba, nas quais o mate ou chimarrão encontra-se representado, estão a chaleira, a bombacha, o lenço, o chapéu, o cavalo, entres outros, demonstrando a relação de ruralidade que se soma à figura do gaúcho.

Na tentativa de ampliar as discussões exibidas no periódico, inicialmente buscamos promover uma recuperação histórica acerca da erva-mate e do consumo do chimarrão no Rio Grande do Sul. Encontramos em Maciel (2022), o indicativo de ser uma bebida de origem indígena, pertencente ao povo guarani, consumida inicialmente a partir da infusão das folhas do arbusto da erva-mate, denominada por eles de *caái* (*caá*, designando árvore e *i*, água). A autora indica que o nome *Ilex paraguayensis*, foi batizado por Auguste de Saint-Hilaire, quando em viagem ao Rio Grande do Sul, no século XIX. Observa que os espanhóis foram os primeiros colonizadores a consumi-la, propagando seu consumo e difundindo sua produção. Por conseguinte, José Humberto Boguszewski (2007) reforça esta premissa, acrescentando que eles foram os pioneiros, quando do contato com os povos aborígenes pertencentes à civilização Inca, na região andina, e que o termo “mate” provém do *matti*, expressão inca quíchua, significando cuia e/ou porongo.

Ambos os autores destacam que a bebida foi considerada perigosa e chegou a ser proibida pela Igreja Católica, acusada de provocar prejuízos à saúde, vícios, maus costumes e desencadear efeitos afrodisíacos, porém tal impedimento teve curta duração. Ao final, foram os próprios padres jesuítas, na região das Missões, os responsáveis pelo aperfeiçoamento no cultivo e produção, em larga escala, da erva-mate.

De acordo com Maciel (2022), Saint-Hilaire em sua incursão pelo Rio Grande do Sul, observou a intensidade no consumo da bebida, no atual estado gaúcho, sendo ela apreciada inúmeras vezes ao dia e sempre ofertada aos viajantes. Ele considerou que este dado deveria estar relacionado “aos hábitos carnívoros da população local, pois sendo digestivo e diurético facilitaria a digestão da carne” (Maciel, 2022, p. 3).

É válido sublinhar, ainda no tocante ao percurso histórico da bebida, que tanto Boguszewski (2007), quanto Maciel (2022) expõem a forma de consumo e a ritualização em torno da bebida, sobretudo para aqueles que não a conhecessem, indicando que:

O chimarrão, tradicionalmente, é tomado quente e para ser preparado necessita de uma cuia, uma chaleira e uma bomba. Atualmente, a chaleira viu-se preterida pela garrafa térmica, mais prática. A infusão da erva é sugada através da bomba, [...]. Embora se possa matear, ou seja, beber o mate, sozinho ou com mais uma ou duas pessoas, é em reuniões maiores que se dá a forma mais tradicional de comensalidade neste caso. Nestas ocasiões, algumas normas de “etiqueta” devem ser observadas, o que serve para reforçar o sentimento de solidariedade e identidade entre os participantes e, ao mesmo tempo, denunciar os de fora. Numa roda de chimarrão, o cevador (aquele que faz o mate) é sempre o primeiro a beber, e como todos os demais, já que o contrário seria interpretado como falta

de educação, deve sorver o mate até esgotá-lo e fazer a “cuia roncar”, quando então tornará a enchê-la com água quente e a repassará àquele que estiver à sua direita, que ao terminar deve devolvê-la ao cevador que novamente irá completá-la e repassá-la, assim sucessivamente até o final (BOGUSZEWSKI, 2007, p. 22-23).

Verificamos que esta prática denota convenções criadas pelos indivíduos, que buscam no rito de apreciação à bebida, quando na coletividade, uma aproximação com o outro, demonstrando gentileza e revelando uma manifestação cultural e identitária. Observa-se que é na roda de chimarrão que se promove a sociabilidade, capaz de proporcionar elos, quando da participação dos indivíduos nela inseridos, pois ao compartilham da mesma cuia, bomba, roda, conversas, histórias, comungam entre si valores afetivos, culturais e simbólicos, que vão além daquilo que é absorvido ao ingerir o chimarrão.

Pontua-se que o mate ou chimarrão é um dispositivo que serve de marcador de identidade, porém ele não é um sinalizador de diferenciação social, pois está inserido em diversas “rodas”, sendo consumido por diferentes sujeitos, pertencentes a grupos sociais, econômicos e culturais distintos.

Os primeiros registros divulgados na *Revista do Globo* sobre a erva-mate e seus usos, datam do início da década de 1930. O periódico evidenciou o chimarrão enquanto bebida típica do povo gaúcho, vinculando-o à própria identidade sul-rio-grandense. Estas constatações foram verificadas nos textos, nas imagens e nas publicidades que relacionavam o hábito e a ligação dos sujeitos com a bebida, principalmente como meio de reconhecimento e afirmação, espelhando um marcador identitário. Da mesma forma que refletiu a sociabilidade e a comensalidade.

O consumo, a forma de preparo e os ritos em torno do chimarrão praticamente mantiveram-se como o tempo. Embora sua referência possua uma relação de identidade ligada a ruralidade e ao homem do campo, atualmente ela adquire espaços diferenciados e outras projeções de consumo, estando presente em diferentes rodas de chimarrão, sejam elas nas estâncias; em torno do fogão à lenha; sentados nos parques e nas praças das cidades, na beira do mar; na calçada da residência ou nos diferentes espaços fechados.

Algumas diferenciações sinalizam adaptações a elementos vinculados ao chimarrão, podendo se refletir na cuia, na bomba e até mesmo na maleta onde o mate pode ser transportado. Podemos encontrar nestes utensílios signos identitários que remetem à figura do gaúcho, como o emblema do brasão do Rio Grande do Sul, permitindo aos gaúchos “se reconhecer e serem reconhecidos pelo porte do chimarrão e/ou desta maleta. Neste caso, trata-se não apenas de manter um hábito, mas de assinalar um pertencimento” (Maciel 2022, p. 14).

Neste sentido, sublinhamos que

No processo de construção, afirmação e reconstrução de identidades sociais, a comida se transforma em um marcador identitário, apropriado e utilizados pelo grupo como um sinal diacrítico, um símbolo de uma identidade reivindicada.

Através do chimarrão pode-se ver que seu significado vai além: ele implica em pertencimentos [...], implica em rituais, partilhas, reforço de laços sociais, enfim, uma forma de contato e comunicação entre as pessoas. Implica em um encontro com o outro que se dá de uma forma íntima, partilhada. Assim, ainda que seja um marcador de identidade, ficar apenas neste aspecto é não perceber a riqueza de uma manifestação social tão eloquente quanto a deste caso, do chimarrão (MACIEL, 2022, p. 14-15).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos, tanto nos textos quanto nas imagens analisadas, os múltiplos papéis assumidos pela comida e pela bebida, refletidos no churrasco e no chimarrão, servindo como dispositivos de lembranças, reavivamento da memória, revelados como referência de identidade alimentar a grupos e indivíduos, bem como figurando como modelo para conceitos e perfis de condutas e comportamentos frente aos alimentos. A comida e a bebida constituem vetores de manifestação cultural e simbólica, e cumprem a função de espelhar a proximidade e a hospitalidade entre as pessoas, promovendo a convivialidade, a comensalidade e a sociabilidade alimentar.

Além da possibilidade de aproximação com o passado, os modelos alimentares apresentados exibiram heranças culturais identitárias, refletindo gostos, comportamentos, padrões e formas de consumo, permitindo perceber as relações de similitudes e variações no binômio passado-presente.

Observamos no churrasco e no chimarrão modelos de marcadores identitários, revestidos de valores simbólicos e consagrados na cultura alimentar gaúcha. Ambos contribuem para favorecer a concepção da comida e da bebida como agentes de construção social e comunicação identitária, alimentados pelo reavivamento da memória, seja ela individual ou coletiva, e pela valorização do patrimônio, enquanto signo de presentificação das “Histórias”.

Por fim, destacamos a grandeza histórico-memorial presente na fonte primária que aporta esta pesquisa, permitindo interpretar e rememorar eventos, entrelaçar informações do presente a partir do reavivamento do passado, possibilitando que a reativação destes diferentes conteúdos informativos proporcionassem a percepção da dinâmica social no período investigado, valorizando a memória e o patrimônio, bem como presentificando o passado através da representação cognitiva deste, pois o estudo da alimentação e da comensalidade dos sujeitos históricos favorecem esta possibilidade de reavivamento e reconstrução, sendo parâmetro de identidade, pertencimento e (re)conhecimento da história.

REFERÊNCIAS

- ARÉVALO, J. M. La tradición, el patrimonio y la identidad. *Revista de Estudios Extremeños*. VI. 60, nº 3, 2004, p. 925-956.
- BOGUSZEWSKI, J. H. *Uma história cultural da erva-mate: o alimento e suas representações*. Dissertação. 2007. Universidade Federal do Paraná/UFPR, Curitiba, 2007.

CANDAU, J. **Memória e Identidade**. 1. ed. 5. reimp. São Paulo: Contexto, 2019.

CARNEIRO, H. **Comida e Sociedade: uma história de alimentos**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

CONTRERAS, J.; GRACIA, M. **Alimentação, sociedade e cultura**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

FLANDRIN, J. L.; MONTANARI, M. **História da Alimentação**. 8. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2015.

MACIEL, M. E. Churrasco à Gaúcha. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, Ano 2, n. 4, p. 34-48, jan./jun. 1996.

_____. Uma cozinha à brasileira. **Estudos Históricos**: Rio de Janeiro, n. 33, jan/jun. 2004.

_____. Uma cozinha à gaúcha. In: BRUM, Ceres; MACIEL, Maria Eunice; OLIVEN, Ruben G. (Orgs.). **Expressões da Cultura Gaúcha**. Santa Maria: UFSM, 2010.

_____. Chimarrão: Identidade, Ritual e Sociabilidade. **Farinha e Rapadura**. [S. l.]: Yba Instituto, 2022, 2 v., 1ª ed., p. 5-15. Disponível em: <https://bit.ly/3UHH7o4>. Acesso em 30 março 2023.

_____. Identidade cultural e alimentação. In: CANESQUI A.M.; GARCIA, R.W. (Org.). **Antropologia e Nutrição: um diálogo possível**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

MENESES, U. T. B.; CARNEIRO, H. A História da Alimentação: balizas historiográficas. **An. mus. paul.**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 9-91, 1997.

MONTANARI, M. **Comida como cultura**. 2. ed. São Paulo: Editora Senac, São Paulo, 2013.

POULAIN, J. P. **Sociologias da alimentação: os comedores e o espaço social alimentar**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004, p. 175-222.

REVISTA DO GLOBO. Porto Alegre: Editora Livraria do Globo, 1929-1967, Quinzenal.

ZANETI, T. B. A Cozinha Gaúcha: um resgate dos sabores e saberes da Gastronomia do Rio Grande do Sul. **Ágora, Revista de História e Geografia**, Santa Cruz do Sul, v. 18, p. 28-42, jan/jun. 2016.